



LIÇÃO 10

06 de Setembro de 2026

3º TRIMESTRE 2026

ADULTOS

**Uma esperança
inabalável perante
os poderosos**

Esboço Da Lição 10

Do 3º Trimestre

De 2026

Por Murilo Alencar

DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

A IGREJA DOS GENTIOS
Da chamada missionária à consolidação do Evangelho entre os povos

Domingo, 06 de setembro 2026

UMA ESPERANÇA INABALÁVEL PERANTE OS PODEROSOS

Pb. Murilo Alencar ¹

INTRODUÇÃO

Paulo chegou a Cesareia sob forte escolta romana, depois que uma conspiração para matá-lo tornou impossível sua permanência em Jerusalém. Cinco dias depois, o sumo sacerdote Ananias, alguns anciãos e o orador Tértulo compareceram diante do governador Félix para acusá-lo de sedição, liderança de uma seita e profanação do templo. Paulo respondeu, a todas essas acusações, com respeito, apresentou os fatos que contrariavam tais denúncias e confessou abertamente sua fé na ressurreição. Nesta lição, estudaremos a acusação injusta contra Paulo, sua defesa fundamentada na verdade e a esperança que o fortaleceu durante a prisão. Preparados? Vamos juntos aprender a Palavra de Deus.

TEXTO ÁUREO

Por isso procuro sempre conservar
minha consciência limpa diante de Deus e dos homens.
(At 24.16, NVI).

Por isso faço tudo para
sempre ter a consciência limpa diante de Deus e das
pessoas. (At 24.16, NTLH).

Paulo pronunciou essas palavras durante sua defesa perante Félix. Depois de declarar que acreditava em tudo o que estava escrito na Lei e nos Profetas, o apóstolo afirmou sua esperança na ressurreição dos justos e dos injustos (vv.14,15). A expressão “por isso” liga sua conduta à certeza da ressurreição. Paulo sabia que todos compareceriam diante de Deus e, por essa razão, procurava viver de maneira coerente com a fé que professava.

Paulo sabia que uma consciência limpa não se conserva sem cuidado. **O verbo grego traduzido como “me esforço” é *askéō* e transmite a ideia de dedicação e exercício constante.** A palavra traduzida como “limpa” descreve uma consciência livre da acusação de viver deliberadamente contra a vontade de Deus. Paulo não se considerava perfeito, mas examinava suas escolhas e não aceitava permanecer conscientemente no pecado. Quando confrontado pela verdade, reconhecia o erro cometido e corrigia sua conduta.

A consciência, contudo, não estabelece sozinha o que é certo ou errado. Antes de conhecer Cristo, Paulo perseguia os discípulos e acreditava que agia corretamente (At 26.9-11). Era sincero, porém estava errado. Seu passado demonstra que uma consciência mal instruída pode aprovar aquilo que Deus condena. Por essa razão, ela precisa ser formada pelas Escrituras e mantida em submissão ao Senhor Jesus.

VERDADE PRÁTICA

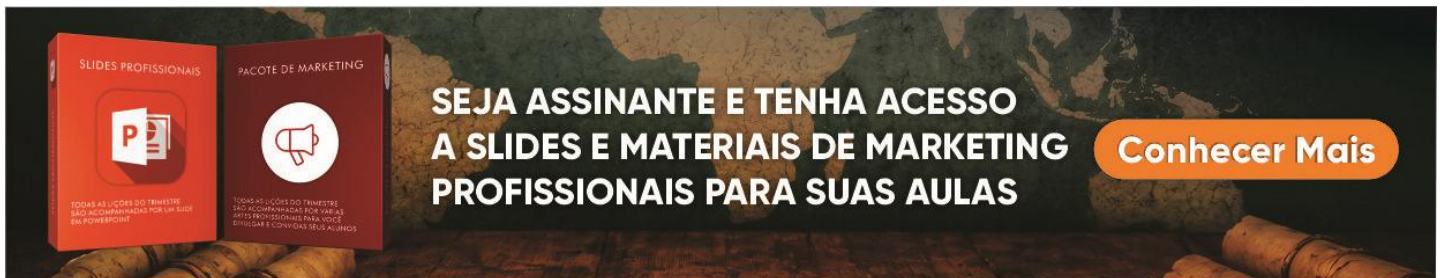
¹ Graduado em teologia pela UniCesumar; Tecnólogo em coaching e desenvolvimento humano pela Unopar; pós-graduando em educação cristã e graduando em teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC); Presbítero na Assembleia de Deus em Pernambuco.

A fidelidade ao Evangelho se expressa em uma consciência irrepreensível diante de Deus e dos homens.

Qualquer pessoa pode declarar: “Sou fiel ao Evangelho”. Mas como saber se essa declaração não é da boca para fora? Paulo nos fornece um critério em sua primeira carta a Timóteo. Depois de ordenar que o jovem pastor combatesse as falsas doutrinas ensinadas em Éfeso, **o apóstolo afirmou que o objetivo dessa admoestação era produzir amor procedente de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sem hipocrisia (1Tm 1.3-5)**. No final do capítulo, fé e boa consciência são novamente colocadas lado a lado, pois alguns rejeitaram a segunda e naufragaram na primeira (vv.18,19). Você consegue perceber a importância de ter uma boa consciência? Sem ela, naufragamos na fé.

Em primeiro lugar, devemos ter uma consciência irrepreensível diante de Deus. Paulo declarou que sua consciência não o acusava, mas acrescentou imediatamente que isso não bastava para justificá-lo, pois quem o julgava era o Senhor (1Co 4.4). No contexto, ele está falando sobre a fidelidade exigida dos encarregados dos mistérios de Deus e sobre o dia em que o Senhor revelará as coisas ocultas e as intenções dos corações (vv.1,2,5). Ter uma consciência irrepreensível diante de Deus significa viver debaixo de sua avaliação, sem proteger pecados conhecidos nem esconder motivações contrárias à sua vontade. A consciência pode falhar em sua avaliação; Deus, porém, conhece aquilo que fazemos e as razões pelas quais fazemos. Por isso, Paulo se submetia constantemente ao julgamento de Deus.

Em segundo lugar, devemos ter uma consciência irrepreensível diante dos homens. Pedro escreveu a cristãos que eram difamados por causa da fé e ordenou que defendessem sua esperança com mansidão, temor e boa consciência. Desse modo, aqueles que falavam contra eles seriam envergonhados pela boa conduta que mantinham em Cristo (1Pe 3.15,16). Ter uma consciência irrepreensível diante dos homens não significa receber a aprovação de todos, pois o próprio texto pressupõe acusações injustas. Antes, significa viver de tal maneira que a calúnia não encontre confirmação em nossa conduta.



1. A ACUSAÇÃO INJUSTA

Pergunta chave: Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

Ideia central do ponto: Seja assinante e desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *A presença do sumo sacerdote Ananias, de alguns anciãos e do orador profissional Tértulo diante do governador Félix revela uma articulação cuidadosamente planejada para condenar Paulo. Não se tratava de buscar justiça, mas de silenciar a voz do Evangelho. A união dessas lideranças religiosas demonstra como interesses políticos e religiosos podem se associar para combater a verdade (At 24.1).*

Vamos ao texto bíblico:

¹Cinco dias depois, o sumo sacerdote Ananias foi até Cesareia com alguns anciãos e com certo orador, chamado Tértulo, os quais apresentaram ao governador a sua acusação contra Paulo. ²Depois que Paulo foi chamado, Tértulo passou a acusá-lo, dizendo: — Excelentíssimo Félix, tendo nós desfrutado de paz perene por meio do senhor e tendo sido feitas, por seu providente cuidado, notáveis reformas em benefício deste povo (At 24.1-2, NAA).

Os primeiros versículos do capítulo 24 devem ser lidos como continuação dos acontecimentos anteriores. (o comentarista não aborda o capítulo 23, mas você como professor precisa lê-lo). Mais de quarenta homens haviam jurado que não comeriam nem beberiam enquanto não matassem Paulo. Eles procuraram os principais sacerdotes e os anciãos e pediram que o Sinédrio solicitasse uma nova audiência, criando a oportunidade para uma emboscada (At 23.12-15). Quando o plano foi descoberto, Cláudio Lísias transferiu Paulo para Cesareia e determinou que os acusadores apresentassem o caso diante de Félix. O comandante ainda registrou que não havia encontrado no prisioneiro qualquer crime merecedor de morte ou prisão (At 23.29,30).

O título do subponto “conspiração judaica” precisa ser compreendido dentro dessa progressão. Em Jerusalém, houve uma conspiração para assassinar Paulo; em Cesareia, os seus inimigos se uniram e se organizaram para o acusarem diante de Félix. O método havia mudado, mas o objetivo permanecia o mesmo: livrar-se do apóstolo. Impedidos de matá-lo numa emboscada, seus adversários passaram a buscar uma sentença romana que realizasse o mesmo propósito.

A referência aos “cinco dias” mostra a rapidez com que os líderes do Sinédrio agiram. Eles não permitiram que o caso esfriasse nem deixaram a acusação sob a responsabilidade de representantes menos influentes. **O próprio sumo sacerdote Ananias viajou de Jerusalém a Cesareia acompanhado de alguns anciãos. A presença da mais alta autoridade religiosa dos judeus conferia peso político ao grupo e comunicava a Félix que o caso interessava diretamente à liderança de Jerusalém.**

Ananias já havia demonstrado sua disposição de condenar Paulo antes mesmo de ouvi-lo. Durante a reunião do Sinédrio, ordenou que o apóstolo fosse ferido na boca, embora estivesse sentado para julgá-lo segundo a Lei (At 23.2,3). Agora, comparecia pessoalmente diante de Félix para prosseguir com a acusação. **Aquele que deveria zelar pela justiça empregava a autoridade sacerdotal para perseguir um homem contra o qual ainda não havia sido comprovado qualquer crime.** Ananias exerceu o sumo sacerdócio aproximadamente entre os anos 47 e 59 d.C., e conservou considerável influência política durante esse período.

Os anciãos que o acompanhavam representavam a liderança judaica envolvida no processo. A presença de Tértulo completava a equipe de acusação. Lucas o chama de *rhētōr*, termo empregado para um orador ou advogado capacitado a falar em tribunal. Não é possível determinar com certeza se ele era judeu ou gentio. Seu nome e a maneira como Lucas o distingue dos judeus permitem interpretações diferentes. Tértulo conhecia a linguagem adequada ao tribunal romano e foi contratado para apresentar o caso de forma persuasiva (At 24.1).

O verbo traduzido como “apresentaram” indica que as acusações foram levadas formalmente ao governador. Portanto, não estamos diante de uma discussão religiosa informal. O processo havia chegado à autoridade romana competente para julgar o cidadão Paulo. De um lado estavam o sumo sacerdote, representantes do Sinédrio e um advogado experiente; do outro, um prisioneiro sem equipe jurídica, cuja principal defesa seria a verdade dos fatos.

Esse episódio nos oferece três aplicações.

- Em primeiro lugar, devemos julgar conforme a verdade e os fatos, e não segundo nossas predileções. Os líderes judeus já haviam decidido que Paulo deveria ser condenado e passaram a procurar argumentos que confirmassem essa decisão. **Cometemos o mesmo erro quando julgamos alguém por antipatia, rumores ou opiniões pessoais, sem ouvi-lo e sem examinar as provas.** A Bíblia adverte que responder antes de ouvir é insensatez e que a primeira versão parece correta até que a outra parte seja interrogada (Pv 18.13,17).
- Em segundo lugar, devemos unir forças e investir no avanço do Evangelho. Ananias, os anciãos e Tértulo empregaram tempo, influência, dinheiro e habilidade para condenar Paulo. Enquanto os adversários se organizam, os servos de Deus muitas vezes desperdiçam forças em disputas internas. A Igreja precisa abandonar rivalidades e aprender a lutar unida “pela fé do Evangelho” (Fp 1.27), colocando seus recursos e capacidades a serviço da obra de Deus.
- Em terceiro lugar, devemos preservar nosso testemunho diante das acusações injustas. Paulo não respondeu com agressividade, desespero ou mentira. Apresentou os fatos com tranquilidade e manteve sua confiança no Senhor, que já lhe havia assegurado que testemunharia em Roma (At 23.11). Quando formos acusados injustamente, devemos responder com a verdade, conservar uma boa conduta e entregar nossa causa a Deus.

1.2 O discurso bajulador de Tértulo diante do poder (vv.2-4).

Verdade central: Tértulo começou sua acusação exaltando Félix com palavras calculadas. Sua retórica não servia à verdade, mas tentava conquistar o favor do governador.

Para refletir: “Com todo o agradecimento o queremos reconhecer” (At 24.3). Nem todo elogio é sincero; às vezes, palavras de reconhecimento são usadas apenas para conquistar favor e facilitar interesses pessoais.

A LIÇÃO DIZ: *Tértulo inicia sua acusação com palavras exageradas de elogio ao governador Félix, tentando conquistar sua simpatia por meio da bajulação. Embora a administração de Félix fosse marcada por corrupção e violência, o orador recorre a um discurso vazio de verdade, usando a adulação como estratégia para influenciar a decisão judicial (At 24.2-4). Em seguida, apresenta Paulo como uma ameaça pública, chamando-o de “peste” e líder de uma seita perigosa (At 24.5).*

O texto bíblico diz:

²Depois que Paulo foi chamado, Tértulo passou a acusá-lo, dizendo: — Excelentíssimo Félix, tendo nós desfrutado de paz perene por meio do senhor e tendo sido feitas, por seu providente cuidado, notáveis reformas em benefício deste povo, ³**sempre** e em **todos** os lugares, reconhecemos isto com **profunda gratidão**. ⁴Entretanto, para não deter o senhor por muito tempo, peço que, de acordo com a sua clemência, nos ouça por alguns instantes. ⁵Porque, tendo nós verificado que este homem é uma peste e promove desordens entre os judeus do mundo inteiro, sendo também o principal agitador da seita dos nazarenos (At 24.2-5, NAA).

Depois que Paulo foi chamado ao tribunal, Tértulo não apresentou imediatamente as acusações. Ele começou seu discurso elogiando Félix e procurando conquistar sua simpatia. Essa introdução correspondia a uma técnica conhecida na retórica greco-romana como *captatio benevolentiae*, expressão que descreve o esforço do

orador para obter a boa vontade do juiz antes de apresentar seus argumentos. Estudos sobre os discursos de Atos 24 demonstram que esse recurso fazia parte da prática forense daquele período.

A tentativa de conquistar a atenção favorável do juiz não era, por si mesma, desonesta. Um orador podia iniciar sua defesa com cortesia, reconhecer corretamente a experiência da autoridade e apresentar o assunto com respeito. **O problema do discurso de Tértulo estava na distância entre seus elogios e os fatos conhecidos sobre a administração de Félix.** A cortesia foi transformada em bajulação porque o orador disse aquilo que agradaria ao governador, mesmo sem possuir fundamento suficiente para fazer tais afirmações.

A construção do elogio revela uma progressão cuidadosamente calculada. Tértulo atribuiu a Félix uma longa paz, afirmou que seu bom senso havia produzido reformas e declarou que os judeus reconheciam esses benefícios em todos os lugares e com profunda gratidão. A repetição de expressões abrangentes, como “sempre”, “em todo lugar” e “com todo o agradecimento”, ampliava o elogio e procurava criar a impressão de que o governo de Félix desfrutava de aprovação unânime.

A referência à paz não foi escolhida por acaso. Roma valorizava seus governadores por sua capacidade de preservar a ordem nas províncias, sobretudo em regiões marcadas por tensões políticas. Félix havia reprimido movimentos de insurgência e podia apresentar essas ações como defesa da paz romana. Seus métodos, contudo, foram violentos e contribuíram para aumentar o descontentamento na Judeia. Tácito descreveu seu governo como marcado por crueldade e imoralidade e afirmou que ele exercia autoridade de rei com a mentalidade de um escravo.

O relato de Josefo confirma que a administração de Félix estava distante do quadro apresentado por Tértulo. **O governador teria participado da conspiração para assassinar o sumo sacerdote Jônatas, que repetidamente o repreendia por sua maneira injusta de governar. Félix recorreu a um intermediário e prometeu dinheiro para que o crime fosse executado** (*Antiguidades Judaicas* 20.162-163). Portanto, a paz elogiada por Tértulo era, em grande parte, a ordem imposta pela violência, e a suposta previdência do governador não produziu a administração justa descrita no discurso.

A palavra traduzida como “providente” é *prónoia* e expressava uma qualidade valorizada no discurso político romano: a capacidade de prever necessidades e tomar providências em benefício dos governados. Tértulo também empregou um termo que pode significar “reformas”, “correções” ou “melhorias”. Apesar dos elogios, não mencionou nenhuma reforma específica realizada por Félix. A imprecisão era conveniente, pois permitia exaltar o governador sem submeter a afirmação à verificação dos fatos.

O elogio à paz também preparava o caminho para a acusação seguinte. Depois de apresentar Félix como o responsável pela ordem, Tértulo descreveria Paulo como promotor de sedições. **O argumento foi bem elaborado: se o governador se considerava um pacificador, deveria enxergar Paulo como uma ameaça ao trabalho que realizava.** Antes de demonstrar que o apóstolo havia cometido qualquer crime, o orador procurou criar no juiz uma disposição desfavorável ao acusado.

A declaração do versículo 4, “para não cansá-lo mais”, deve ser compreendida como uma fórmula convencional de brevidade. Tértulo não estava necessariamente reconhecendo que Félix demonstrava cansaço nem admitindo que possuía pouco a dizer. O orador prometia ser breve e apelava para a gentileza do governador, procurando manter sua atenção e sua boa vontade. O termo traduzido como “gentileza” pode expressar clemência, consideração ou benevolência.

Lucas permite que o leitor perceba a diferença entre bajulação e respeito. Tértulo atribuiu a Félix virtudes difíceis de conciliar com seu governo. Quando Paulo iniciou sua defesa, reconheceu somente um fato verificável: Félix exercia havia muitos anos a função de juiz daquela nação (v.10). Paulo respeitou a autoridade sem inventar qualidades para agradá-la. A verdade não exige grosseria, mas também não precisa da adulação para ser defendida.

Esse episódio nos oferece três aplicações.

- Em primeiro lugar, devemos distinguir respeito de bajulação. O cristão deve honrar as autoridades e tratar todas as pessoas com educação, mas não pode atribuir virtudes inexistentes a alguém para conquistar seu favor. A bajulação procura obter alguma vantagem por meio de elogios interessados e, por isso, é comparada a uma rede armada diante do próximo (Pv 29.5).
- Em segundo lugar, devemos colocar nossas palavras a serviço da verdade. Tértulo dominava a retórica, porém empregou sua habilidade para conduzir Félix a uma decisão injusta. O mesmo pecado ocorre quando exageramos qualidades, escondemos fatos ou adaptamos nosso discurso para agradar pessoas influentes. Paulo declarou que nunca havia usado linguagem de bajulação nem transformado suas palavras em pretexto para interesses pessoais (1Ts 2.5).
- Em terceiro lugar, quem exerce autoridade deve vigiar diante dos elogios. O perigo vai além da tentativa de obter favores: essas aproximações podem comprometer o julgamento do líder, levá-lo a proteger o injusto e fazê-lo condenar quem tem razão. A Escritura adverte que o suborno cega até o sábio e perverte a causa dos justos (Êx 23.8; Dt 16.19). Todo líder que se cerca de bajuladores passa a enxergar a si mesmo de forma distorcida e corre o risco de tomar decisões segundo seus interesses pessoais, e não conforme a verdade.

1.3 Falsas acusações contra Paulo (vv.5-9).

Verdade central: Paulo foi acusado de sedição, heresia e profanação do templo, mas nada pôde ser provado. O alvo verdadeiro da acusação era sua fidelidade ao Caminho e à esperança da ressurreição.

Para refletir: Não deixar que acusações falsas abalem a convicção. Paulo sabia que era inocente e confiava em Deus como Juiz supremo.

A LIÇÃO DIZ: *As acusações levantadas contra Paulo resumem-se a três pontos: sedição política, heresia religiosa e profanação do templo (At 24.5,6). Nenhuma delas, porém, pôde ser comprovada.*

Encerrada a introdução elogiosa, Tértulo apresentou três acusações cuidadosamente formuladas para despertar a preocupação de Félix. A controvérsia havia começado como uma questão religiosa, envolvendo a Lei, o templo e a inclusão dos gentios. **Contudo, diante do governador romano, o orador procurou apresentar Paulo como uma ameaça à ordem pública.** Se Félix aceitasse essa descrição, poderia tratar o apóstolo como havia tratado outros agitadores que perturbavam a paz romana.

Em primeiro lugar, Paulo foi acusado de promover sedições. Tértulo o chamou de “peste”, tradução do termo grego *loimós*, empregado para descrever algo nocivo e destruidor. Essa expressão funcionava como um

rótulo: Paulo deveria ser visto como alguém cuja influência contaminava a sociedade. O objetivo do acusador era transformar um missionário cristão em um agitador político.

Em segundo lugar, Paulo foi apresentado como líder da “seita dos nazarenos”. O termo *hairesis*, traduzido como “seita”, designava naquele período um partido, grupo ou escola de pensamento. Portanto, não possuía necessariamente o sentido posterior de doutrina herética. Tértulo reconhecia, ainda que de maneira hostil, que Paulo ocupava posição de liderança entre os seguidores de Jesus, o Nazareno. **O problema estava na ligação entre essa liderança e a acusação anterior: ele queria que Félix considerasse o movimento cristão uma facção politicamente perigosa.**

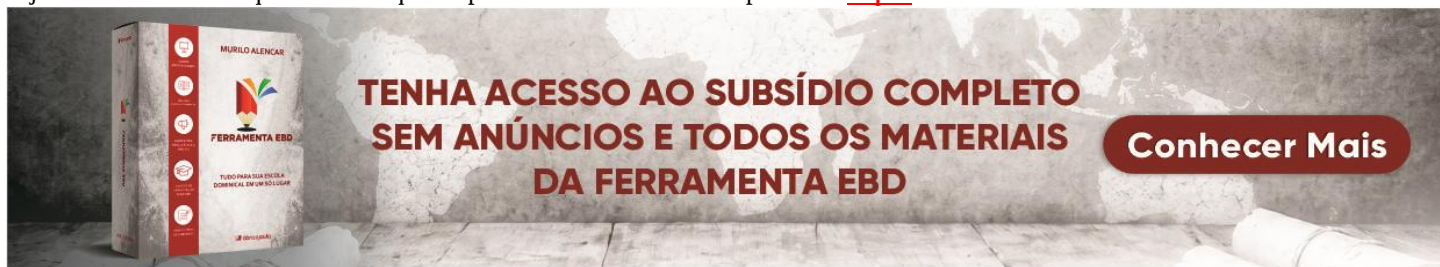
Em terceiro lugar, Paulo foi acusado de tentar profanar o templo. Essa era uma acusação muito séria, pois os gentios não podiam ultrapassar a barreira que delimitava as áreas internas do templo. Inscrições advertiam que o transgressor ficaria sujeito à morte. Entretanto, Atos 21.29 esclarece que os judeus apenas supuseram que Paulo havia conduzido Trófimo para dentro da área proibida. **Tértulo ainda declarou: “nós o prendemos”, omitindo que a multidão tentava matar Paulo e que Cláudio Lísias precisou intervir para salvá-lo.**

Algumas traduções incluem, entre os versículos 6 e 8, uma leitura mais longa segundo a qual os judeus pretendiam julgar Paulo conforme sua lei, mas Lísias o teria retirado violentamente de suas mãos. As edições críticas do texto grego preferem a leitura mais curta, embora registrem a variante em nota. Em qualquer das leituras, Tértulo procura apresentar a ação dos líderes judeus como legítima e a intervenção romana como o obstáculo que os impediu de julgar Paulo.

O discurso termina sem a apresentação de qualquer prova. Os líderes judeus apenas confirmaram as palavras de Tértulo, afirmando que tudo era verdade (v.9). A concordância do grupo aumentava a pressão sobre o governador, mas não demonstrava a culpa de Paulo. Uma acusação não se torna verdadeira porque muitas pessoas a repetem.

Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 1):

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)



2. A DEFESA DO EVANGELHO BASEADA NA VERDADE

Pergunta chave: Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

Ideia central do ponto: Desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

2.1 Paulo expõe sua integridade e fala com coragem (vv.10-13).

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Diante do governador Félix, Paulo demonstra respeito à autoridade constituída, sem abrir mão da verdade.*

Lucas dedica mais espaço à defesa de Paulo do que ao discurso de Tértulo. Essa proporção permite que o leitor examine as acusações à luz dos fatos apresentados pelo apóstolo. Tértulo havia empregado várias palavras para elogiar Félix; Paulo gastou apenas metade de um versículo em sua saudação. A diferença entre os discursos não estava na ausência de respeito, mas no compromisso de Paulo com a verdade.

Paulo afirmou somente que Félix exercia havia muitos anos a função de juiz sobre a nação judaica. Não elogiou seu caráter, sua administração nem sua capacidade moral. Tratava-se de um fato pertinente ao julgamento, pois a experiência de Félix lhe permitia conhecer os costumes dos judeus e os conflitos ocorridos na província. O governador também havia recebido a carta de Cláudio Lísias, na qual o comandante declarou não ter encontrado em Paulo crime que merecesse morte ou prisão (At 23.25-30). Além disso, Lucas informa que Félix conhecia o Caminho (At 24.22). Paulo, portanto, estava diante de uma autoridade que possuía informações suficientes para avaliar o caso.

O apóstolo, portanto, começou a sua defesa pela acusação de sedição. Ele declarou que havia subido a Jerusalém para adorar e que não se haviam passado mais de doze dias desde sua chegada (v.11). Existem diferentes propostas para a contagem desses dias, pois os acontecimentos narrados entre Atos 21 e 24 não permitem reconstruir cada etapa com absoluta precisão. No entanto, o argumento de Paulo foi muito assertivo, pois ele destacou que estivera pouco tempo em Jerusalém e passara parte desse período sob custódia. Não havia tempo nem liberdade para organizar uma revolta.

O propósito da viagem também contradizia a acusação, já que Paulo não fora a Jerusalém para reunir seguidores contra Roma, mas para adorar a Deus. Em seguida, apresentou três espaços nos quais sua conduta poderia ser verificada: o templo, as sinagogas e a cidade. Em nenhum deles fora encontrado discutindo com alguém ou provocando tumulto entre o povo (v.12). Seus acusadores falavam em sedições espalhadas pelo mundo, mas não conseguiam indicar uma única revolta promovida por ele em Jerusalém.

Portanto, o réu concluiu: **“Eles não podem provar diante do senhor as acusações que agora fazem contra mim”** (v.13). Paulo não respondeu com insultos nem tentou desacreditar pessoalmente seus adversários. Apresentou o tempo de sua permanência, o motivo de sua viagem, os lugares por onde havia passado e a ausência de qualquer ato de agitação.

Sobre a conduta de Paulo, podemos ponderar:

- O respeito à autoridade não exige bajulação. Paulo tratou Félix com a consideração devida ao cargo, mas não lhe atribuiu virtudes que ele não possuía. O cristão pode falar com educação diante de governantes, líderes e superiores sem recorrer a elogios falsos para conquistar seu apoio. Respeitar alguém significa reconhecer sua posição e dirigir-lhe palavras adequadas, não distorcer a verdade para agradá-lo.

2.2 A fé na ressurreição como fundamento da defesa (vv.14-16).

Verdade central: Paulo confessou que servia ao Deus de seus pais segundo o Caminho e declarou sua esperança na ressurreição. Diante do tribunal, não ocultou a doutrina que amparava sua fé e dava sentido ao seu ministério.

Para refletir: Quando sua fé for questionada, não esconda aquilo em que você crê. Apresente as verdades que fundamentam sua esperança.

A LIÇÃO DIZ: *Paulo deixa claro que o centro de sua fé é a esperança da ressurreição dos mortos, doutrina fundamental do Evangelho e da fé cristã (At 24.14,15; 1Co 15.20). Mesmo diante de autoridades políticas, ele não dilui nem oculta sua convicção. Ao confessar publicamente sua fé, Paulo cumpre o ensino de Cristo de não negar o seu nome diante dos homens (Mt 10.32,33).*

Paulo respondeu à segunda acusação reconhecendo abertamente aquilo que era verdadeiro: **“Porém confesso ao senhor que, segundo o Caminho, a que chamam seita, assim eu sirvo ao Deus de nossos pais, acreditando em todas as coisas que concordam com a lei e os escritos dos profetas”** (v.14). O verbo “confesso” indica que ele não pretendia esconder sua identidade cristã para escapar da condenação. Entretanto, admitir que seguia o Caminho não significava aceitar a descrição feita por Tértulo. Paulo era seguidor de Jesus, mas não liderava um movimento sedicioso nem havia abandonado o Deus de Israel.

A expressão “o Caminho” era uma das formas pelas quais o cristianismo se tornara conhecido nos primeiros anos da Igreja (At 9.2; 19.9,23; 22.4; 24.22). **Ela descrevia uma fé que envolvia doutrina, adoração e maneira de viver. Os adversários chamavam esse movimento de “seita”, termo usado para apresentá-lo como uma facção suspeita. Paulo preservou o nome adotado pelos cristãos e deixou o rótulo acusatório na boca de seus opositores: “a que chamam seita”.**

A fé cristã professada por Paulo possuía continuidade com a revelação concedida a Israel. Ele servia ao “Deus dos nossos pais” e acreditava em “todas as coisas que estão de acordo com a Lei e nos escritos dos Profetas” (v.14). A expressão “Lei e Profetas” abrange as Escrituras de Israel. O Evangelho que ele pregava anunciava o cumprimento das promessas de Deus em Jesus Cristo. Mais tarde, diante de Agripa, ele voltará a afirmar que não dizia nada além do que os Profetas e Moisés anunciaram acerca do sofrimento e da ressurreição do Cristo (At 26.22,23).

A esperança de Paulo também estava enraizada nas Escrituras: **“haverá ressurreição, tanto de justos como de injustos”** (v.15). Sua declaração de que os acusadores aguardavam essa mesma esperança precisa ser compreendida à luz das divisões existentes no judaísmo. Os saduceus negavam a ressurreição, enquanto os fariseus a confessavam (At 23.6-8). Portanto, Paulo não atribuía essa crença a cada acusador individualmente, mas se referia a uma esperança reconhecida dentro da fé judaica e compartilhada pelos fariseus presentes entre seus compatriotas.

A ressurreição dos justos e dos injustos encontra fundamento em Daniel 12.2 e corresponde ao ensino de Jesus sobre os que ressuscitarão para a vida e os que ressuscitarão para o juízo (Jo 5.28,29). Os justos ressuscitarão para receber a plenitude da salvação; os injustos ressuscitarão para enfrentar o julgamento divino.

Em sua teologia, Paulo entendia que Jesus Cristo já ressuscitou como “as primícias dos que dormem” (1Co 15.20). Sua ressurreição garante a vitória final dos que lhe pertencem e confirma que Deus julgará o mundo com justiça (At 17.31). Por essa razão, a esperança anunciada por Paulo oferecia consolo aos fiéis e advertia os que permaneciam em rebelião contra Deus.

A ligação entre esperança futura e conduta presente está expressa nas primeiras palavras do versículo 16: “Por isso”. Paulo sabia que justos e injustos ressuscitariam e, diante dessa certeza, esforçava-se para conservar uma consciência limpa. O verbo traduzido por “me esforço”, *askéō*, remete a ideia de uma dedicação persistente. A doutrina da ressurreição não servia apenas para explicar o que acontecerá no futuro; ela governava a maneira como o apóstolo vivia diante de Deus e das pessoas.

A confissão de Paulo exige três respostas:

- Em primeiro lugar, o cristão não deve esconder sua ligação com Cristo para escapar da rejeição. Paulo rejeitou as acusações falsas, mas confessou aquilo que era verdadeiro: ele pertencia ao Caminho.
- Em segundo lugar, toda doutrina deve ser examinada à luz das Escrituras. Paulo demonstrou que sua mensagem estava de acordo com a Lei e os Profetas. Experiências, tradições e opiniões religiosas não possuem autoridade para definir a fé cristã. O ensino da Igreja precisa proceder da Palavra de Deus e permanecer submetido a ela.
- Em terceiro lugar, quem crê na ressurreição deve viver preparado para comparecer diante de Deus. Nossas escolhas, relacionamentos e responsabilidades serão avaliados pelo Senhor. A certeza da ressurreição deve fortalecer a fidelidade dos salvos e despertar nos pecadores a necessidade urgente de arrependimento.

2.3 Uma consciência irrepreensível diante de Deus e dos homens (vv.17-21).

Verdade central: Paulo procurava manter uma consciência sem ofensa diante de Deus e dos homens. Sua defesa ganhava credibilidade porque sua conduta não contradizia a fé que professava.

Para refletir: Examine sua vida com sinceridade: há alguma prática, palavra ou relacionamento que esteja ferindo sua consciência diante de Deus?

A LIÇÃO DIZ: *Paulo afirma viver com uma consciência limpa diante de Deus e dos homens, fruto de uma vida coerente, piedosa e íntegra (At 24.16).*

A declaração de Paulo sobre sua consciência recebe comprovação nos versículos 17-21. Depois de vários anos longe de Jerusalém, ele retornou para levar donativos ao seu povo e apresentar ofertas (v.17). Os donativos correspondem à coleta realizada entre as igrejas gentílicas em favor dos cristãos necessitados de Jerusalém (Rm 15.25-27; 1Co 16.1-4; 2Co 8-9). A viagem que seus adversários apresentavam como ameaça possuía uma finalidade marcada por serviço, generosidade e comunhão.

As “ofertas” provavelmente se referem aos sacrifícios relacionados à cerimônia de purificação descrita em Atos 21.23-26, embora o termo também possa abranger os donativos entregues. Para a defesa de Paulo, o aspecto decisivo era sua conduta no templo. Ele fora encontrado purificado, sem multidão e sem tumulto (v.18). Portanto, não estava profanando o lugar sagrado nem promovendo uma revolta.

Os judeus da província da Ásia, responsáveis pela acusação inicial, não compareceram perante Félix (v.19). Eles haviam visto Paulo no templo e provocado o tumulto, mas não estavam presentes para sustentar suas alegações. A ausência deles era grave, pois o procedimento romano assegurava ao acusado o direito de enfrentar seus acusadores e responder às acusações (At 25.16). Sem as testemunhas originais, Tértulo repetia uma denúncia que não poderia comprovar.

Paulo então desafiou Ananias e os anciãos presentes a declarar qual crime haviam encontrado nele durante sua audiência perante o Sinédrio (v.20). Eles poderiam testemunhar somente que o apóstolo havia afirmado estar sendo julgado por causa da ressurreição dos mortos (v.21). A controvérsia era religiosa e dizia respeito a uma doutrina aceita pelos fariseus. Não havia crime contra Roma que justificasse a condenação de Paulo.

Paulo estava em paz. Sua tranquilidade procedia da certeza de que sua conduta não contradizia a fé que professava. Como é bom está de consciência limpa diante das calúnias e dos acusadores. Há muitas pessoas que não gozam desse privilégio.

Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 2):

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)



3. A ESPERANÇA QUE SUPERA A OPRESSÃO

Pergunta chave: Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

Ideia central do ponto: Seja assinante e desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

3.1 Félix adia, mas escuta a mensagem.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *O governador Félix possuía conhecimento prévio acerca do “Caminho”, isto é, do cristianismo (v.22), e sabia que Paulo não era culpado das acusações levantadas contra ele. Ainda assim, optou pelo adiamento e pela omissão. Embora moralmente corrompido e interessado em suborno (v.26), Félix foi confrontado pela Palavra viva e eficaz, que alcança o íntimo do coração humano e revela o pecado com clareza (Hb 4.12,13).*

O conhecimento que Félix possuía acerca do Caminho permitia-lhe perceber que Paulo não liderava uma organização revolucionária. Lucas não informa como ele adquiriu esse conhecimento. Sua experiência como governador, a presença de cristãos em Cesareia e sua esposa judia podem ter contribuído, mas qualquer explicação além do texto permanece como possibilidade. **O fato registrado é que Félix conhecia o cristianismo o suficiente para avaliar a falsidade das acusações políticas.**

Mesmo assim, o governador adiou o julgamento até a possível chegada de Cláudio Lísias. Ouvir o comandante poderia ser apresentado como uma medida processual, porém Félix já possuía a carta na qual Lísias declarava que Paulo não havia cometido crime digno de morte ou prisão (At 23.25-30). A custódia mais branda concedida ao apóstolo confirma que o governador não o considerava uma ameaça à ordem pública.

Paulo permaneceu sob a vigilância de um centurião, recebeu alguma liberdade e pôde ser assistido por seus amigos. O texto não esclarece se continuava acorrentado, mas indica um regime de menor rigor, no qual os irmãos podiam visitá-lo e suprir suas necessidades. Essa concessão tornava a prisão menos severa, mas não mudava a injustiça vivida por ele. Paulo continuava privado de liberdade sem que sua culpa tivesse sido demonstrada.

A conduta de Félix apresenta duas advertências:

- Em primeiro lugar, conhecimento do que é certo e agir certo, são duas coisas diferentes.
- Em segundo lugar, a Igreja deve cuidar dos irmãos que sofrem. Os amigos de Paulo não podiam libertá-lo, mas podiam visitá-lo e atender às suas necessidades. Quando não conseguimos retirar alguém de uma situação dolorosa, ainda podemos oferecer auxílio e comunhão.

3.2 A Palavra provoca temor nos ímpios.

Verdade central: Paulo falou sobre justiça, domínio próprio e juízo vindouro, e Félix ficou atemorizado. A mensagem expôs sua condição diante de Deus, mas, em vez de se arrepender, ele preferiu encerrar a conversa e adiar sua resposta.

Para refletir: Quando a Palavra confrontar o seu pecado, não procure fugir daquilo que Deus já tornou evidente. Arrependa-se e obedeça sem adiar a resposta que ele exige.

A LIÇÃO DIZ: *A Palavra de Deus desperta temor porque expõe a santidade divina e confronta o pecado humano. Paulo falou de justiça a governantes injustos, de domínio próprio a pessoas marcadas pela imoralidade e de juízo vindouro a quem vivia sem temor de Deus (At 24.24,25).*

Félix mandou chamar Paulo para ouvi-lo falar sobre “a fé em Cristo Jesus” (v.24). Drusila, sua esposa judia, acompanhou-o. Segundo Flávio Josefo, ela havia deixado Azizo, rei de Emesa, para casar-se com Félix, após ser persuadida por um intermediário enviado pelo governador. A história daquele casal tornava especialmente pertinentes os assuntos escolhidos por Paulo.

A exposição sobre a fé em Cristo desenvolveu-se em torno de três temas. A justiça tratava da conduta exigida por Deus e confrontava um governador conhecido por seus atos injustos. O domínio próprio dizia respeito ao controle dos desejos e das paixões, virtude que faltava àquele casal. O juízo vindouro lembrava que ambos compareceriam diante de uma autoridade superior. Félix julgava Paulo naquele tribunal, mas também seria julgado por Deus.

A fé em Cristo incluía perdão e salvação, porém exigia arrependimento e mudança de vida. O apóstolo falou ao governador de acordo com sua necessidade espiritual, ainda que essa abordagem pudesse reduzir suas possibilidades de libertação. A Palavra alcançou a consciência de Félix. O termo usado por Lucas indica que ele ficou amedrontado, mas sua resposta foi mandar Paulo retirar-se: **“Quando eu tiver oportunidade, chamarei você”** (v.25). O governador reconheceu a gravidade do que ouvira, porém não abandonou seus pecados nem se voltou para Cristo.

Duas aplicações podem ser feitas:

- Em primeiro lugar, a pregação do Evangelho precisa confrontar o pecado. Falar sobre a fé em Cristo inclui anunciar a graça de Deus e chamar o pecador ao arrependimento.
- Em segundo lugar, sentir medo não é o mesmo que se arrepender. Félix foi profundamente atingido pelas palavras de Paulo, mas adiou sua resposta. Lágrimas, inquietação e emoção podem acompanhar a ação da Palavra, porém o arrependimento se manifesta quando a pessoa confessa o pecado, abandona a vida de rebelião e se volta para Cristo.

3.3 A firmeza de Paulo na esperança em Cristo.

Verdade central: Paulo permaneceu preso por dois anos, enquanto Félix agia movido por interesses políticos e pela expectativa de receber suborno. Ainda assim, a esperança do apóstolo não estava na justiça humana, mas na fidelidade de Deus.

Para refletir: Não devemos medir a fidelidade de Deus pela rapidez das respostas humanas. A demora dos tribunais não significa que o Senhor deixou de governar as circunstâncias.

A LIÇÃO DIZ: *Apesar de permanecer preso por dois anos, Paulo não perdeu a fé nem a esperança.*

As conversas frequentes de Félix com Paulo não representavam necessariamente um progresso espiritual. Lucas revela que o governador esperava receber dinheiro em troca da libertação do apóstolo (v.26). O termo usado no texto significa simplesmente “dinheiro”, mas o contexto deixa claro que se tratava de suborno, prática proibida pela lei romana. Alguns intérpretes relacionam essa expectativa aos donativos mencionados por Paulo ou aos amigos que o assistiam, porém Lucas não informa por que Félix imaginava que receberia pagamento.

Paulo permaneceu preso porque não comprou a sua própria liberdade. A narrativa não registra qualquer oferta de dinheiro, e a passagem de dois anos demonstra que a expectativa de Félix não foi atendida. O apóstolo que se esforçava para conservar uma consciência limpa não recorreria à corrupção para escapar da injustiça.

Ao ser substituído por Pórcio Festo, Félix deixou Paulo na prisão para agradar aos judeus (v.27). O governador conhecia a fragilidade das acusações, mas transformou um inocente em instrumento de negociação política. Os dois anos de espera também não cancelaram a palavra do Senhor: **“Você também deve testemunhar em Roma”** (At 23.11). A mudança de governador conduziria Paulo a novas audiências diante de Festo e Agripa e, posteriormente, ao apelo para César. A prisão atrasou sua viagem, mas integrou o caminho pelo qual seu testemunho alcançaria autoridades e chegaria a Roma.

Duas aplicações se destacam:

- Em primeiro lugar, o sofrimento não autoriza atalhos pecaminosos. Paulo poderia tentar comprar sua liberdade, mas preservou sua consciência. Quando uma solução exige mentira, corrupção ou desobediência, o cristão precisa recusá-la, mesmo que essa decisão prolongue sua dificuldade.
- Em segundo lugar, a demora não significa que Deus abandonou sua promessa. Durante dois anos, nenhuma mudança parecia acontecer, mas o propósito anunciado pelo Senhor permanecia em andamento. Quando a resposta demora, precisamos continuar obedecendo, cumprir as responsabilidades possíveis e confiar no tempo de Deus.

Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 3):

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)



CONCLUSÃO

Agradecemos a Deus pela oportunidade de, nesta lição, estudar a audiência de Paulo perante Félix. Aprendemos que o servo de Deus deve conservar uma consciência limpa diante de Deus e dos homens e anunciar o Evangelho com fidelidade, mesmo quando a mensagem confronta o pecado e desagrada aos ouvintes. Também fomos advertidos pelo exemplo de Félix: conhecer a verdade e sentir temor não salvam ninguém. Quando a Palavra de Deus nos confronta, devemos responder com arrependimento e contrição.

Por fim, aprendemos que mesmo preso injustamente, Paulo permaneceu fiel, pois sabia que as decisões humanas não poderiam frustrar o propósito de Deus. Agradecemos a você, caro leitor e professor da Escola Dominical, por estar conosco em mais esta lição e aguardamos você na próxima aula, em nome de Jesus. Amém!

ABRA JAULA

REFERÊNCIAS

- GARLAND, David E. **Comentário expositivo Atos**. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2019.
- STOTT, John. **A mensagem de Atos**. São Paulo: ABU Editora, 1994.
- PEARLMAN, Myer. **Atos: estudo do livro de Atos e o crescimento da Igreja Primitiva**. Tradução: Gordon Chown. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.
- WILLIAMS, David J. **Atos**. Tradução: Oswaldo Ramos. São Paulo: Editora Vida, 1996. (Novo Comentário Bíblico Contemporâneo).
- KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento**. Tradução: José Gabriel Said. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (Org.). **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. Tradução: C. E. S. Lopes, F. Medeiros, R. Malkomes e V. Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- KEENER, Craig S. **Comentário Exegético Atos**. Rio de Janeiro: CPAD, 2024. 4 v.
- LONGENECKER, Richard N. Acts. In: LONGMAN III, Tremper; GARLAND, David E. (Ed.). **The expositor's Bible commentary**. Rev. ed. Grand Rapids: Zondervan, 2007.
- FERNANDO, Ajith. **Acts**. Grand Rapids: Zondervan, 1998. (The NIV Application Commentary).
- POLHILL, John B. **Acts**. Nashville: Broadman & Holman, 1992. (The New American Commentary, v. 26).
- LOPES, Hernandes Dias. **Gálatas: A Carta da Liberdade Cristã**. São Paulo, SP: Hagnos, 2011.